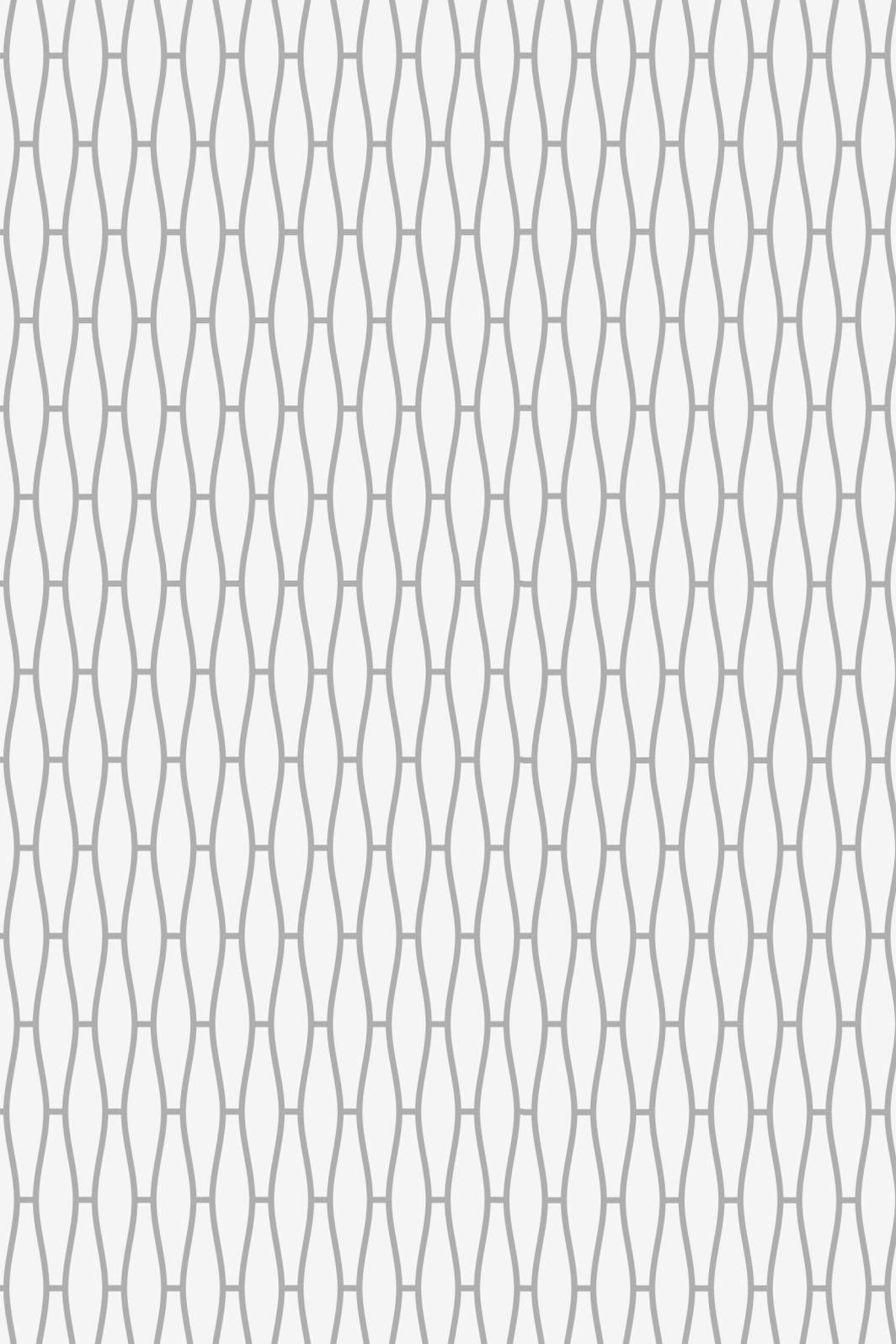


Otávia





Pseudo-Sêneca

Otávia

Edição Bilingue

1ª edição
2021

Introdução, tradução e notas
Zelia de Almeida Cardoso

Copyright © 2021 Editora Madamu

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Revisão

Equipe Madamu

Projeto Gráfico e Capa

KOPR Comunicação

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

*Todos os direitos reservados à Editora Madamu
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP
CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br
E-mail: leitor@madamu.com.br*

S475o Sêneca (pseudo)

Otávia / Pseudo-Sêneca. Tradução, introdução e notas: Zelia de Almeida Cardoso. - 1ª. ed.. - São Paulo: Editora Madamu, 2021.

198 p., 14 x 21cm
Edição Bilingue
ISBN 978-65-86224-11-5

1. Literatura Latina. 2. Teatro. I. Título.

CDD: 870

CDU: 821.124

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Latina
821.124

Sumário

Apresentação	7
Introdução	11
1. A pretexto <i>Otávia</i> : observações preliminares.	11
2. A “ficção histórica”: uma discussão empolgante . . .	17
3. A ficção na história	22
4. A história na ficção: a “ficção histórica” no mundo romano	27
5. A pretexto <i>Otávia</i> : aspectos dramáticos	31
6. A caracterização do tirano em <i>Otávia</i>	55
<i>Octavia</i> / <i>Otávia</i> : texto latino e tradução	67
Notas à tradução	161
Glossário de nomes próprios	177
Abreviaturas dos nomes de autores antigos e de textos citados	187
Referências bibliográficas	191
Sobre a tradutora	197

Apresentação

HÁ ALGUNS ANOS, QUANDO, POR RECOMENDAÇÃO do CNPq, foi criado na USP o Grupo de Pesquisa “Estudos sobre o Teatro Antigo”, do qual fui membro fundador e uma das coordenadoras, pensei em fazer uma investigação que focalizasse o drama histórico no mundo romano, levando em consideração o fato de serem muito raros, em nossos meios, os estudos sobre a dramaturgia latina baseada em acontecimentos reais, se comparados com o grande número de trabalhos acerca da tragédia e da comédia clássicas.

Embora se soubesse que, de toda a produção dramática, de caráter “histórico”, que foi composta, em Roma, do século III a.C. ao século I de nossa era, a única peça supérstite era o drama intitulado *Otávia*, a importância desse texto me pareceu indiscutível.

Otávia – peça que se ocupa do repúdio e da condenação da primeira esposa de Nero – se situa na raiz da teatrologia ocidental baseada em fatos da história romana. Representa o ponto inicial de uma tendência, que iria desenvolver-se durante a Idade Média, atingindo o Renascimento, para florescer com a dramaturgia elizabetana e com o seiscentismo francês, chegar ao século XVIII e permanecer durante o Romantismo, o Realismo e o Modernismo, quando autores de peças teatrais e de textos e roteiros a serem utilizados em filmes cinematográficos

se ocuparam de temas referentes à história de Roma, sob seus múltiplos aspectos.

Além de possibilitar uma análise em vários níveis, *Otávia* suscita uma investigação sobre alguns problemas teóricos de grande importância na atualidade, tais como o da definição da “ficcionalidade histórica” e os que decorrem da concepção da estrutura de uma obra dramática.

Elaborei, então, um Projeto de Pesquisa, que intitulei “O drama histórico no mundo romano e seus desdobramentos” e o submeti à aprovação do CNPq¹. De acordo com esse projeto, os objetivos elencados se constituíam em detectar os elementos históricos da tragédia *Otávia*, confrontando-os com dados obtidos em fontes primárias, sobretudo em obras de historiadores gregos e romanos; estabelecer um princípio teórico a partir da discussão da problemática da “ficcionalidade histórica”; levantar a questão da conceituação de poder e tirania; apontar os elementos dramáticos da peça à luz das teorias semióticas, partindo da análise do discurso e determinando as macroestruturas textuais que revelam a “gramática do texto” e indicam os elementos actantes; analisar a estruturação dos personagens, tomando por base o estabelecimento de sua contextura dramática e o emprego do discurso poético. Como coroamento da investigação, propus-me a traduzir a tragédia, acrescentando à tradução notas explicativas e um estudo introdutório, e a preparar o texto final para a publicação.

A meu ver, a pesquisa se justificaria por si própria. *Otávia*, como disse, é uma obra única, representativa de um gênero

1. O texto ora apresentado se baseia nessa pesquisa, realizada com recursos concedidos pelo CNPq, pelos quais reitero meus agradecimentos..

cuja importância perdura até nossos dias. Apesar disso, não havia, no país, até então, estudos sobre a peça, embasados em teorias científicas, e, nem ao menos, uma tradução do texto, em vernáculo. Como dia a dia estava aumentando o número daqueles que se interessavam pelos dramas clássicos, tanto no meio acadêmico como no teatral, pensei em dedicar-me ao assunto para oferecer aos estudiosos do tema um trabalho que correspondesse ao resultado de uma investigação e, simultaneamente, para pôr ao alcance do público uma tradução da tragédia passível de ser representada.

A pesquisa foi, em parte, divulgada entre alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP, que cursaram a disciplina por mim ministrada, em várias ocasiões, intitulada “*A composição dramática da pretexto Otávia*” (FLC898). Tenho agora o prazer de difundi-la com a presente publicação, concretizada pelo interesse da Editora Madamu.

São Paulo, março de 2021
Zelia de Almeida Cardoso.

Introdução

1. A pretexto *Otávia*: observações preliminares

Em meados do século III a.C., quando a dramaturgia latina começou a desenvolver-se e a consolidar-se, sob influência do teatro grego, um provável sentimento nacionalista levou alguns teatrólogos a criar uma nova modalidade teatral que passou a coexistir com as tragédias mitológicas inspiradas em modelos helênicos: a pretexto (*fabula praetexta*)², ou tragédia pretexto, isto é, o drama de argumento histórico, baseado em alguma tradição itálica ou em algum episódio militar de importância, ocorrido em Roma³. Das pretextas compostas pelos escritores latinos, porém, desde essa época até o período imperial, apenas

2. Em Roma, na representação de tragédias mitológicas, baseadas em originais helênicos e denominadas *fabulae cothurnatae*, os atores usavam trajes gregos e coturnos, diferentemente do que ocorria quando representavam tragédias de assunto romano, inspiradas em fatos reais: nessas ocasiões vestiam togas pretextas – brancas e orladas com uma barra de púrpura –, semelhantes às que eram usadas pelos magistrados. Daí o nome de *fabula praetexta* ou *praetextata*, conferido a essa modalidade dramática.

3. Para um conhecimento mais aprofundado da origem da pretexto, como gênero dramático, sugere-se a leitura de Léon Herrmann (HERRMANN, L. *Octavie, tragédie prétexte*. Paris: Les Belles Lettres, 1924), Névio Zorzetti (ZORZETTI, N. *La pretesta e il teatro latino arcaico*. Napoli: Liguori Editore, 1980) e Rolando Ferri (FERRI, R. *Octavia, a play attributed to Seneca*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003), bem como a dos capítulos 3, 4 e 5 da obra de Mario Erasmo (ERASMO, M. *Roman tragedy: theatre to theatricality*. Austin: University of Texas Press, 2004. p. 52-139), e do capítulo 8 da de A. J. Boyle (BOYLE, A. J. *Roman tragedy*. London/New York: Routledge, 2006, p. 221-38).

a que se intitula *Otávia* (*Octauia*) chegou na íntegra a nossos dias. O texto é de autoria discutível⁴. Escrito possivelmente no primeiro século de nossa era, na época dos Flávios, foi por vezes atribuído a Sêneca por ter sido encontrado em manuscrito que continha as tragédias senequianas⁵, mas atualmente é considerado apócrifo pela crítica especializada.

Diferentemente do que teria ocorrido com outras pretextas, nas quais os autores se ocuparam ou com acontecimentos pressupostamente reais, mas por vezes mesclados com antigas lendas latinas, ou com importantes vitórias de generais romanos, em *Otávia* o argumento foi extraído de uma dolorosa questão doméstico-política: o repúdio e a condenação de Otávia, a primeira esposa de Nero.

4. Sobre a controvertida questão da autoria de *Otávia* e, conseqüentemente, da época em que a pretexta teria sido composta, a discussão se alonga há muito tempo. Do lado dos que admitiram que Sêneca tivesse sido seu autor, podemos lembrar o nome de Francesco Giuncotti, que mencionou a posição de vários de seus antecessores, contra-argumentando com eles, conforme o caso (Cf. GIANCOTTI, F. *L'Octavia attribuita a Seneca*. Torino: Loescher-Chiantore, 1954). Entre os que se recusaram a aceitar essa posição, invocando argumentos de ordem histórica e estilística, lembramos Pierre Grimal, que resenhou a obra de Giuncotti (GRIMAL, P. Francesco Giuncotti, *L'Octavia attribuita a Seneca*. *Revue des Études Anciennes* 57 [1955] 398-401). Sugere-se, ainda, a esse respeito, a leitura dos artigos de Martin Carbone (CARBONE, M. *The Octavia: structure, date and authenticity*. *Phoenix* 31 [1977] 48-67); M. Royo (ROYO, M. *L'Octavie entre Néron et les premiers Antonins*. *Revue des Études Latines* [1983] 189-200); e Joe Park Poe (POE, J. P. *Octavia praetexta and its Senecan model*. *American Journal of Philology* 110 [1989] 434-459).

5. Segundo Léon Herrmann, que na primeira metade do século XX estabeleceu o texto das tragédias de Sêneca, traduziu-as e as estudou em profundidade, inclusive sob o ângulo da ecdótica, *Octauia* não se encontrava presente no *Codex Etruscus*, que representa a chamada classe E dos manuscritos e é o mais importante dos códices que contêm os textos trágicos senequianos. Encontrava-se em um manuscrito, compilado provavelmente no século IV, que teria gerado a classe dos códices conhecida como classe A. Estes códices se caracterizaram pela presença de interpolações e por apresentar as tragédias em uma ordem diferente da que o *Etruscus* apresentava e com alguns títulos modificados. Conforme a opinião de B. Schmidt e de Birt, endossada por L. Herrmann, entre as interpolações observadas no manuscrito referido, estaria a da pretexta. Embora A. Siegmund, um antigo estudioso dos textos trágicos, tivesse proposto a hipótese de que *Octauia* já se encontrava na segunda edição das tragédias, publicada logo depois da morte de Sêneca, Herrmann a considera tendenciosa e insuficiente (Cf. SÉNEQUE. *Tragédies*. 3^o tir. Texte ét. et trad. par L. Herrmann. Tome 1. Paris: Les Belles Lettres, 1971. p. viiii-xiv).

Esses fatos foram relatados por Tácito e Suetônio⁶. Inse-rem-se na tumultuada saga da dinastia júlio-claudiana⁷ e suas causas mergulham num passado relativamente distante. Para compreendê-los, em toda a sua intensidade dramática, é preciso retomar alguns episódios da longa história que os determinou.

Descendente de antigas e ilustres famílias romanas, Otávia era filha de Cláudio, imperador de Roma, e de sua esposa, Messalina. Cláudio pertencia à *gens Claudia*, que, desde o século IV a.C., estivera de alguma forma ligada ao poder; era filho de Druso, um dos enteados de Augusto⁸, e de Antônia Menor; Messalina, por parte de pai, era neta de Marcela Menor⁹, e, por parte de mãe, de Antônia Maior; Marcela e as duas Antônias eram filhas da irmã de Augusto, também chamada Otávia (I)¹⁰; a primeira vinha de seu casamento com Caio Cláudio Marcelo; as últimas, da união com Marco Antônio¹¹. Messalina era prima de Cláudio, portanto.

6. Cf. Tac. *Ann.* XIV, 60-64, e Suet. *Ner.* VII e XXXV.

7. Para mais informações sobre o assunto, ver CORBIER, M. A dinastia Júlio-Cláudia. *Classica* 5/6 [1992/1993] 167-203.

8. Após divorciar-se de Escribônia, que lhe deu sua única filha, Júlia, Augusto se casou com Lívia Drusila, que fora casada anteriormente com Tibério Cláudio Nero. Do primeiro casamento de Lívia nasceram-lhe dois filhos: Tibério, o futuro sucessor de Augusto, e Druso, que viria a ser o pai de Cláudio.

9. Do casamento de Marcela Menor com Valério Messala nasceu Valério Messala Barbato, o pai de Messalina.

10. Designo, por vezes, como Otávia (I) a irmã de Augusto, para que se distinga da Otávia, filha de Cláudio e personagem-título da pretexto em estudo.

11. O casamento de Marco Antônio e Otávia (I) teve características políticas e foi acertado por Augusto como uma das formas de consolidar o segundo triunvirato. Das duas filhas do casal, a primeira, Antônia Maior, se casou com Caio Domício Aenobarbo; a segunda, Antônia Menor, com Druso, filho de Lívia. Do casamento de Antônia Maior com Caio Domício nasceram Cneu Domício Aenobarbo – o futuro pai de Nero –, Domícia e Domícia Lépidia, que viria a ser a mãe de Messalina. Da união de Antônia Menor com Druso, nasceram Germânico, Cláudio e Livila.

Otávia nasceu provavelmente em 40 d.C.¹², cerca de um ano após o casamento de Cláudio e Messalina. Em 41 nasceu Britânico. Nesse mesmo ano, com o assassinio de Calígula, Cláudio foi aclamado imperador¹³. Algum tempo depois, em 48, Messalina se envolveu com o jovem Caio Sílio¹⁴, tornou-se sua amante e, prometendo-lhe o poder, chegou a celebrar núpcias com ele numa ausência temporária do imperador. Ao tomar conhecimento do fato, Cláudio condenou Caio Sílio à morte, bem como vários romanos acusados de cumplicidade com a imperatriz. Segundo Tácito, ele não chegou a condenar a esposa formalmente. Um de seus auxiliares, no entanto, o liberto Narciso, dirigiu-se aos centuriões e lhes transmitiu o que dizia ser uma ordem do imperador: a execução sumária de Messalina¹⁵. Uma vez viúvo, Cláudio contratou um novo casamento com sua sobrinha Agripina, filha de seu irmão, Ger-

12. A data do nascimento de Otávia é controvertida. Segundo Tácito, ela morreu com 20 anos (*Ann.* XIV, 64). Sabendo-se que a execução da jovem ocorreu em 62, ela teria nascido em 41 ou 42. Suetônio, ao enumerar os filhos de Cláudio e Messalina, menciona Otávia antes de Britânico, parecendo insinuar que ela seria a mais velha. Como se sabe que Britânico nasceu em 41, a data do nascimento de Otávia seria recuada para 40 ou 39. Nesse caso ela teria 22 ou 23 anos ao morrer e não 20 como pretendeu Tácito (Cf. GALLIVAN, P. A. Confusion concerning the age of Octavia. *Latomus* 33 [1974] 116-117).

13. Possivelmente porque Cláudio representava a linhagem de Druso, que, em vida, havia gozado de grande prestígio junto ao exército e ao povo, a guarda pretoriana o aclamou como imperador, após a morte de Calígula. O Senado ratificou a aclamação (Cf. SUETÔNIO, *A vida dos Doze Césares. Tibério Cláudio Druso*. 10-11. Trad. Sady-Garibaldi. Rio de Janeiro: Pestígio, 1998. p. 303 ss.).

14. Segundo Tácito (*Ann.* XI, 12 ss.), Caio Sílio, além de ser oriundo de família nobre, era o mais belo dos romanos; Juvenal também se refere aos dotes físicos do jovem numa sátira (*Sat.* X, 329-345) em que mostra o quanto a beleza pode ser prejudicial. Tácito e Juvenal, nesses passos, mencionam o casamento de Sílio e Messalina.

15. Tácito relata com minúcias o episódio da execução da imperatriz. Ao saber da condenação de Sílio, Messalina se refugiara nos jardins de Luculo e pedira uma audiência a Cláudio. Quando os soldados chegaram para matá-la, tentou suicidar-se mas não conseguiu. E “um tribuno a trespassou de um golpe”, diz o historiador (*Ann.* XI, 38).

mânico¹⁶. A união contrariava os costumes romanos por ser considerada de caráter incestuoso e só foi autorizada graças à votação de uma lei especial¹⁷. Assim que se ajustou o matrimônio, Agripina, conhecida por sua ambição, tomou as primeiras providências: planejou uma acusação de incesto contra Lúcio Silano¹⁸, a quem Otávia havia sido prometida em matrimônio na infância, e obteve o perdão de Sêneca, banido anos antes por Cláudio, para que o filósofo voltasse a Roma e se tornasse preceptor de Lúcio Domício, o filho que ela tivera em um casamento anterior. Mais tarde obteria do esposo o contrato nupcial que uniria Lúcio Domício a Otávia¹⁹, bem como a adoção do jovem que, por direito, passou a usar o nome de Nero, um nome bastante comum na família Cláudia.

O casamento de Nero e Otávia é narrado com parcimônia por Suetônio²⁰ e Tácito²¹. Em 54, com a morte de Cláudio, em

16. Após a execução de Messalina, segundo Tácito (*Ann.* XIII, 1-4), os libertos de Cláudio – seus auxiliares diretos – se empenharam em encontrar-lhe uma nova esposa: entre Lólia Paulina, Élia Petina (que já havia sido esposa de Cláudio) e Agripina, a escolha de Cláudio recaiu sobre a última. Filha de Germânico, irmão de Cláudio, e de Agripina, a “Velha” – filha de Júlia e neta, portanto, de Augusto –, a sobrinha de Cláudio fora antes casada com Cneu Domício Aenobarbo e desse casamento nascera Lúcio Domício, o futuro Nero.

17. Segundo Tácito (*Ann.* XII, 5-7), o Senado autorizou o casamento de Cláudio e Agripina graças ao empenho do senador Vitélio que pronunciou um discurso inflamado, apoiando a união.

18. Lúcio Júnio Silano Torquato, o pretendente de Otávia, era trineto de Augusto por linha materna.

19. Cf. Tac. *Ann.* XII, 9.

20. Cf. Suet. *Ner.* VII.

21. Em *Ann.* XIV, 63, ao comentar o segundo exílio de Otávia, Tácito faz considerações sobre o casamento da filha de Cláudio, considerações essas que lembram as palavras da jovem na pre-texta (*Ocf.* 100-112): “Para ela, o dia de suas núpcias foi, antes de mais nada, um dia de luto; para ela que foi levada para uma casa na qual nada teria a não ser tristeza, o pai arrancado pela ação do veneno, e logo depois o irmão, uma escrava mais poderosa que a dona, Popeia substituindo a esposa para causar-lhe a ruína e, finalmente, uma acusação criminoso, pior que a morte”.

estranhas circunstâncias²², Nero foi saudado como novo imperador e assumiu triunfalmente o poder, suplantando Britânico na linha sucessória por ser o filho mais velho²³ do imperador morto. A partir de então, os fatos domésticos se precipitaram. Em 55, Britânico morreu durante um banquete²⁴; em 59 morreu Agripina²⁵ que, nos anos anteriores, se desentendera com o filho por várias razões: por não ter aprovado o assassinio de Britânico, por questões políticas e, sobretudo, por não aceitar a paixão do jovem pela bela Popeia²⁶, em detrimento da união com Otávia. As mortes de Britânico e Agripina foram consideradas da responsabilidade do imperador. Em 62 Nero repudiou Otávia, acusando-a de esterilidade²⁷, e alguns dias depois se casou com Popeia de quem já era amante. A nova imperatriz instigou um dos escravos de Otávia a acusá-la de adultério; a ex-esposa de

22. A morte de Cláudio merece de Tácito uma descrição pormenorizada (*Ann.* XII, 66-67). Diz o historiador que Agripina, aproveitando-se da saúde já comalida do esposo, resolveu assassiná-lo. Chamou em seu auxílio a feiticeira Locusta, que envenenou um dos cogumelos que seriam servidos a Cláudio. Mas como os efeitos do veneno custaram a ser sentidos, Agripina se valeu dos serviços de um médico que, a pretexto de ajudar o imperador, que se sentia mal, pincelou sua garganta com uma pena impregnada de um fortíssimo veneno.

23. Cf. Tac. *Ann.* XII, 25. Lúcio Domício seria cerca de quatro anos mais velho que Britânico e, como filho adotivo, tinha os mesmos direitos dos filhos carnais.

24. Mais uma vez, é Tácito quem descreve a morte do jovem, envenenado, por ordem de Nero, segundo o historiador, e os funerais apressados, realizados na mesma noite do envenenamento (*Ann.* XIII, 16-17).

25. As descrições da morte de Agripina apresentam diferenças, nos relatos de Suetônio (*Ner.* 34) e Tácito (*Ann.* XIV, 1-10). Mas de alguma forma há certa correspondência na essência dos fatos: Nero planejara o assassinio da mãe, mandando construir um barco que seria oferecido a ela quando voltasse de Baías a Roma, por ocasião das festas dedicadas a Minerva. O barco fora construído especialmente para esse fim e deveria dismantelar-se durante a viagem. Foi realmente o que ocorreu, mas Agripina conseguiu salvar-se a nado; após chegar à praia, entretanto, e obter um abrigo, foi morta por soldados, a mando de Nero.

26. Mulher da nobreza romana, casada anteriormente com Crispino, um cavaleiro romano, e com Oto, que viria a ser, mais tarde, imperador de Roma, Popeia foi esposa de Nero de 62 a 65. Morreu ao ser violentamente agredida por ele, durante uma gravidez.

27. Cf. Tac. *Ann.* XIV, 60.

Nero, vítima de um processo, foi exilada na Campânia, embora inocentada. Como o povo romano reagiu contra o exílio, Nero chamou Otávia de volta e houve um início de rebelião popular. Otávia foi novamente acusada de adultério, bem como de traição e aborto. Condenada ao exílio e enviada à ilha de Pandatária, ali foi morta com requintes de crueldade²⁸.

Desse emaranhado de fatos, o autor da pretexto retirou a matéria que iria elaborar de maneira a dar-lhe forma dramática.

2. A “ficção histórica”: uma discussão empolgante

A abordagem analítica de *Otávia* – como, de resto, ocorre com a de romances e dramas “históricos” de todos os tempos, inclusive os que foram adaptados para o cinema e a televisão – propõe uma investigação inicial a respeito da natureza da chamada *ficção histórica* e nessa investigação é importante partir das conceituações de *história* e *ficção*.

Define-se usualmente *história* como “registro cronológico de fatos de importância política, econômica, social, cultural, feito a partir de provas testemunhais (depoimentos) ou documentais (elementos materiais tais como textos, objetos, edificações etc.)”. A definição de *história* se prende à própria etimologia da palavra. *História* provém do substantivo grego

28. Tácito descreve com pormenores a morte de Otávia (*Ann.* XIV, 64). Condenada ao suicídio, apesar de seus protestos, teve suas veias abertas, mas como o sangue tardava em correr, foi colocada em uma banheira com água fervente. Depois de morta, sua cabeça foi cortada e levada a Roma para que Popeia a visse.

Octauia

latim-português

OCTAVIA

DRAMATIS PERSONAE

OCTAVIA
NVTRIX OCTAVIAE
SENECA
NERO
PRAEFECTVS
AGRIPPINAE VMBRA
POPPAEA
NVTRIX POPPAEAE
NVNTIVS

CHORVS ROMANORVM I
CHORVS ROMANORVM II

ANNO LXII *post I.C.*

SCAENA ROMAE IN PRINCIPIS AEDIBUS

OTÁVIA

PERSONAGENS

OTÁVIA
AMA DE OTÁVIA
SÊNECA
NERO
PREFEITO DE ROMA
ESPECTRO DE AGRIPINA
POPEIA
AMA DE POPEIA
MENSAGEIRO

CORO DE ROMANOS PARTIDÁRIOS DE OTÁVIA (CORO I)

CORO DE ROMANOS PARTIDÁRIOS DE POPEIA (CORO II)

ÉPOCA EM QUE SE PASSA A HISTÓRIA: 62 A.D.

CENÁRIO: APOSENTOS DO PALÁCIO DE NERO, EM ROMA

PROLOGVS
(OCTAVIA, NVTRIX OCTAVIAE)

(SCAENA I - OCTAVIA)

OCTAVIA

*Iam uaga caelo sidera fulgens
Aurora fugat, surgit Titan
radiante coma mundoque diem
reddit clarum.*

Age, tot tantis onerata malis, 5
*repete assuetos iam tibi questus
atque aequoreas uince Alcyonas,
uince et uolucres Pandionias:
grauior namque his fortuna tua est.*

Semper genetrix deflenda mihi, 10
*prima meorum causa malorum,
tristes questus natae exaudi,
si quis remanet sensus in umbris.
Vtinam ante manu grandaeva sua
mea rupisset stamina Clotho,* 15
*tua quam maerens uulnera uidi
oraque foedo sparsa cruore!
O lux semper funesta mihi
tempore ab illo,*

lucis tenebris inuisa magis: 20
*tulimus saeuae iussa nouercae
hostilem animum uultusque truces.
Illa, illa meis tristis Erinys
thalamis Stygios praetulit ignes
teque extinxit, miserande pater,* 25

PRÓLOGO

(OTÁVIA, AMA DE OTÁVIA)

(CENA I - OTÁVIA)

OTÁVIA

A fulgurante Aurora já afugenta do céu
os astros errantes; surge o Titã¹ de coma
radiosa e traz de volta ao mundo
o dia claro.

Anda! oprimida por tantos males, 5
repete as lamentações para ti já costumeiras
e vence as alcíones marinhas;
vence também as aves de Pandíon,
pois que tua sorte é mais cruel que a delas².

Ó minha mãe, que sempre serás chorada por mim, 10
causa primeira de minhas dores³,
ouve as tristes lamentações de tua filha,
se algum sentimento subsiste nas sombras!

Oxalá Cloto⁴, com sua mão senil,
tivesse rompido os fios de minha vida 15
antes que, chorando, eu visse tuas feridas
e teu rosto coberto de sangue hediondo!

Ó luz, sempre funesta para mim,
desde aquele tempo,
reluzes mais odiosa do que as trevas: 20
sofri as ordens de cruel madrasta,
seu ânimo hostil, seu rosto ameaçante.

Foi ela, foi ela que, como triste Erínia⁵,
trouxe tochas do Estige para o meu casamento
e extinguiu a tua vida, miserando pai, 25